



## Mestiçagem e imigração: triagem e mistura em um discurso do século XIX

Alexandre Marcelo Bueno (PUC-SP)\*

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo discutir o processo de mestiçagem em sua relação com as discussões sobre a imigração no Brasil do século XIX. Para isso, utiliza elementos conceituais da semiótica tensiva, em particular os conceitos de triagem, mistura e campo de presença para examinar como se constroem as características passionais dos diferentes grupos imigrantes sobre as quais recai a moralização. Como parte da análise, depreendeu-se dois diferentes processos de mestiçagem que envolvem questões como a aspectualidade do processo, que determina a rapidez ou a lentidão da mistura, e a tonicidade ligada aos aspectos biológicos que orienta a interrupção do processo. Além disso, considerou-se também os elementos característicos de cada grupo imigrante envolvidos na mistura proposta pelo texto como uma forma de se perceber as variações aspectuais dadas. Por meio da noção de campo de presença, foi proposta a sua relação com a moralização como um modo de compreender as simpatias e as antipatias do enunciador em relação aos diferentes grupos imigrantes presentes em seu discurso. Procura-se assim discutir algumas questões sobre o fenômeno da mestiçagem que aparentemente não são observadas em outras áreas do saber que tratam do mesmo assunto.

**Palavras-chave:** imigração; mistura; triagem; campo de presença; moralização.

### 1. Introdução

Nosso trabalho versa sobre dois temas bastante caros para a constituição histórica da identidade nacional brasileira: a imigração e a mestiçagem. No entanto, a mestiçagem da qual trataremos é um pouco diferente da que permeia o imaginário da sociedade brasileira contemporânea.

A ideia de mestiçagem não foi sempre considerada completamente positiva no Brasil. Para os teóricos raciais do século XIX, os mestiços “exemplificavam (...) a diferença fundamental entre as raças e personificavam a ‘degeneração’ que poderia advir do cruzamento de ‘espécies diversas’” (Schwarcz, 2004, p. 56). O mestiço poderia, assim, ser responsável por uma piora na “qualidade” da sociedade brasileira.

Ainda no século XIX, a mestiçagem envolvia um amplo leque de temas, que iam do racial ao cultural, passando por questões econômicas, morais e políticas. Como diz De Luca:

A condenação da mestiçagem, por sua vez, foi repostulada a partir de um novo rol de argumentos, segundo os quais a mistura de povos portadores de heranças culturais distintas colocava em risco o caráter nacional, tornado estável graças à ação depuradora do tempo. Dessa hibridização, que desrespeitava a afinidade étnica peculiar a cada agrupamento humano, resultaria a anarquia política (1998, p. 156).

Além dessa condenação à mestiçagem, por estar atrelada a ideia de degeneração, havia também uma mestiçagem desejada e incentivada, a depender dos grupos nela envolvidos. Assim, é preciso relativizar a mestiçagem como um postulado totalmente negativo e recusado no século XIX, pois seu incentivo ou sua condenação decorriam da origem do imigrante e da conseqüente afinidade ou inadequação para a formação da sociedade.

Neste trabalho, examinaremos um discurso que mobiliza justamente essa oscilação entre duas mestiçagens. Ele se coloca contra a mistura de determinados grupos, mas defende o mesmo procedimento para outros. Essa escolha por determinados grupos em detrimento de outros tinha como horizonte o desenvolvimento nacional e a constituição de uma identidade brasileira cuja matriz seria a civilização europeia.

O texto que escolhemos para discutir essas questões foi produzido durante o período monárquico brasileiro. O autor, Menezes e Souza, autor de um livro chamado *Theses sobre a Colonização do Brasil* (1875), relata os efeitos da imigração no Brasil Imperial e propõe, entre coisas questões, melhorias nas condições materiais dos imigrantes já estabelecidos em solo brasileiro. Implicitamente, no capítulo que analisaremos, há algumas propostas para os debates sobre a política imigratória que estava em discussão naquele momento.

\* Pós-doutorando pelo Centro de Pesquisas Sociosemióticas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Endereço de e-mail: alexandrebuono@gmail.com

Além da questão da mistura de determinados grupos imigrantes, há também no discurso de Menezes e Souza um processo de triagem que estabelece uma hierarquia do melhor e do pior trabalhador estrangeiro para o país, baseado em temas como raça, capacidade para o trabalho, caráter (em termos passionais) e moralidade. Como veremos, essa triagem é a operação responsável pela diferenciação dos grupos a partir do estabelecimento dessas características que são, posteriormente, moralizadas tendo em vista o que seria supostamente melhor para o desenvolvimento econômico, cultural e social do país.

Temos, assim, como hipótese, a existência de discursos que operam processos de mistura distintos já no nível tensivo, que seria responsável pela articulação de valores, de dinâmicas sociais discursivizadas e de avaliações sobre a qualidade e os defeitos de grupos imigrantes. Ao lado da mistura, a triagem também teria um papel fundamental nesse tipo de discurso, pois estabeleceria a seleção e a consequente exclusão de determinados imigrantes nas considerações sobre a política imigratória que se desenhava naquele momento histórico.

A seguir, trataremos da operação de triagem, como uma operação fundante do discurso de Menezes e Souza. Veremos, assim, como ela é responsável pela distinção inicial entre os diferentes grupos imigrantes para, em seguida, começar a hierarquizá-los por meio de diferentes caracterizações passionais.

## 2. Triagem e paixões: o delineamento dos imigrantes

A primeira questão posta pelo discurso de Menezes e Souza se refere ao operador triagem. Ao eleger uma determinada grandeza a partir da qual irá desenvolver seu discurso, o enunciador começa a fazer sua seleção para especificar sobre quais imigrantes irá tecer suas considerações, ou seja, atribuir e delimitar as significações a cada grupo:

Não nos faremos cargo de analysar o character, os costumes e as tendencias de todos os povos do velho mundo. Apenas passaremos em rapida resenha os Allemães, Belgas, Suissos, Italianos, Hespanhóes, Portuguezes, Chins e Coolins e Anglo-Saxões<sup>1</sup> (Menezes e Souza, 1875, p. 403).

A partir do momento em que a grandeza “imigração” entra em seu campo de presença, o enunciador começa a operar a triagem sobre ela para, em seguida, delimitar as nacionalidades que passaram a fazer parte de suas considerações. Posteriormente, uma segunda triagem é aplicada para destacar algumas “qualidades” passionais e

<sup>1</sup> Mantivemos a grafia do texto original.

características voltadas para o trabalho de cada grupo imigrante. Somente após essas duas triagens é que a mistura entra como operador que produz uma mestiçagem desejada ou rejeitada pelo enunciador, como veremos adiante.

O discurso começa, então, a produzir descontinuidades na grandeza “imigração” e a restringir os traços semânticos associados a cada grupo imigrante (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 29). A triagem produz, assim, unidades de sentido para cada grupo imigrante a partir da noção mais geral da imigração (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 33). É dessa maneira que o discurso em análise vai desenvolver os traços figurativos e temáticos, as ações e as paixões de cada um dos grupos, em maior ou menor extensão.

Iniciaremos nossa análise pela especificação dos imigrantes europeus, nos detendo em especial no imigrante alemão<sup>2</sup>. O trecho a seguir é a passagem de um texto (cujo título não foi informado) de J. Duval, em um procedimento de citação que permeia todo o discurso de Menezes e Souza<sup>3</sup>. Nós o selecionamos para mostrar as consequências da triagem nesse discurso:

O Allemão, diz ele, obtem successo emigrando; ele tem o gosto e o talento da emigração. Paciente, perseverante, applicado, amando o trabalho pelo trabalho, passando facilmente de qualquer officio de artesão para a profissão agricola, supportando com coragem, mas sem resignação fatalista, as provas de uma situação nova, resistindo á oppressão em nome de seu direito, haurindo sua força moral nas alegrias da familia, ambicioso e dotado de aptidão para a administração municipal, elle reune em grao subido e raro a maior parte das qualidades, que se asseguram a propriedade do colono (Duval *apud* Menezes e Souza, 1875, p. 404).

Além da sanção já colocada no início do enunciado (“sucesso”), há dois pontos que gostaríamos de reter sobre o longo trecho anterior, ambos ligados à organização modal dos imigrantes alemães: sua competência para o trabalho e sua configuração passional. Para sermos mais precisos, a própria configuração passional contagia o fazer, uma vez que não é apenas uma operação programada, mas uma disposição passional (isto é, um dispositivo modal aspectualizado) (Greimas; Fontanille, 1993, pp. 70-71) que o leva a ser mais competente para o trabalho.

<sup>2</sup> Daremos atenção apenas aos alemães por eles terem um maior desenvolvimento semântico e sintático no discurso de Menezes e Souza. Além disso, por serem considerados os melhores imigrantes para o país, eles servem como parâmetro ideal para comparar com os imigrantes entendidos como os piores para o Brasil, segundo o ponto de vista do enunciador.

<sup>3</sup> Não entraremos na questão da interdiscursividade e da intertextualidade porque não é esse o foco de nosso trabalho, apesar de reconhecermos a importância e a pertinência dessa questão para a análise de discursos em geral.

Nesse quesito, identificamos dois blocos passionais: um relacionado ao que podemos chamar de paixões do fazer ou que impulsionam o fazer, ligados a um querer-ser tônico (“ambicioso”), um fazer durativo e igualmente tônico (“perseverante”) e ainda um dever-fazer também tônico (“aplicado”). O outro bloco se refere a paixões da resistência ou do que modernamente se chama resiliência: uma espera prolongada e extensa (“paciente”) e um poder-ser durativo (“resistente”).

Todas as paixões lexicalizadas do discurso instituídas em torno do imigrante alemão, juntas, constroem a sua identidade passional por meio do “contágio” (Fontanille, 2007, p. 218), ou seja, uma expressão passional que desencadeia outras. Nesse sentido, observamos que a constituição passional do imigrante alemão já desperta a simpatia e o interesse do enunciador, aspecto que será melhor desenvolvido no tratamento da sanção e da moralização na parte final deste texto. Para o momento, mesmo sem uma análise exaustiva da configuração passional dos imigrantes (cada léxico destacado comporta uma série de percursos passionais, modalizações e aspectualizações), podemos dizer que a identidade passional dos imigrantes alemães nos mostra que eles são sujeitos regidos pela tonicidade e pela duratividade.

Quando passamos ao exame dos “Chins e Coolies”, as considerações advindas da caracterização desse grupo, isto é, suas delimitações passionais e de fazer, se contrapõem à imagem construída dos imigrantes alemães, como podemos observar a seguir:

Os Coolis não resistem tanto á fadiga como os Africanos, nem são tão assíduos e perseverantes no trabalho; aborrecem-se de repente da vida activa e laboriosa; fogem das situações ou das fabricas e entregam-se á ociosidade vagabunda. É baldado todo o esforço, que se emprega para gerar no Coolis hábitos sedentários; raro é que elle renove por um, dous ou tres annos o primeiro contracto, que fizera por tres ou cinco annos, estipulando sempre a clausula de poder exigir repatriação (Menezes e Souza, 1875, p. 411).

Se os imigrantes alemães são regidos pela tonicidade, o mesmo não ocorre com os indianos. Eles são construídos como pouco perseverantes, ou seja, como dotados de um fazer átono e pouco durativo. A falta de duratividade e a atonicidade perpassam a constituição passional desses imigrantes: não resistem à fadiga, aborrecem-se facilmente (são aspectualmente terminativos em seu fazer) e são afeitos a fugirem das situações (subitaneidade que altera seu programa narrativo).

Esse conjunto passional pode, assim, ser resumido por outro traço atribuído a eles no discurso: a ociosidade. Em outras palavras, esse traço pode ser entendido como um fazer átono, pelo

pouco investimento de forças dirigidas a uma ação voltada ao trabalho produtivo. Em suma, o imigrante indiano é orientado pela atonicidade e pela falta de duratividade em sua constituição passional, o que interfere diretamente em seu desempenho no trabalho.

Em relação ao trabalhador chinês, o autor destaca a sua habilidade para o trabalho, mas ao mesmo tempo mostra como passionalmente o imigrante chinês é mais suscetível a alterações de humor:

São, o mais possível, industriosos, escrevia o consul inglez de Shang-Hai, e podem resistir a trabalho diario, não como nossos trabalhadores da Europa nos climas temperados, porém, muito mais que estes ultimos sob um sol tropical; entretanto não supportam um trabalho muito assíduo e sem interrupção, e ninguem consegue tambem prolongar-lhes esse trabalho além do tempo e da tarefa, que lhes são habituaes (Menezes e Souza, 1875, p. 418).

A duratividade do fazer do imigrante chinês é bastante curta, sendo equivalente à do indiano. Além disso, segundo o trecho anterior, o imigrante chinês não aceitaria qualquer tentativa de manipulação, na medida em que só realizaria o trabalho no limite do que ele considerava suportável, ao contrário do que parece ser o esforço contínuo voltado ao trabalho que caracterizaria o trabalhador alemão.

Em resumo, os imigrantes asiáticos seriam sujeitos átonos, com pouco vigor e dedicação para o trabalho por conta de sua disposição passional. Modalmente, pela alteração de humor apontada anteriormente, podemos dizer que os asiáticos são mais orientados pelo querer do que pelo dever, ao contrário do imigrante alemão. Isso porque os asiáticos não se submetem à carga de trabalho de um trabalhador alemão, seja pela sua compleição física, incapaz de acompanhar tamanha dispensa de energia, seja pela sua vontade em não se “sacrificar” no trabalho, o que, do ponto de vista do enunciador, denotaria uma falta de capacidade e até uma preguiça ligada ao trabalhador asiático.

Essas primeiras diferenciações decorrem de duas triagens que incidem sobre a grandeza “imigração”: a restrição a poucos grupos imigrantes (diante das possibilidades do momento histórico que o discurso é instituído) e uma segunda delimitação que se refere à caracterização de cada um dos grupos imigrantes. Temos, assim, de início, duas consequências da operação de triagem: os imigrantes e suas características.

Quando o discurso se torna mais articulado, com categorias mais discretas, observamos a instituição da oposição entre imigrantes europeus e imigrantes asiáticos que terá consequências na sanção e na moralização desses grupos. No entanto,

antes de entrarmos nessas considerações, veremos a seguir como é encarada a possibilidade de mistura desses dois tipos de imigrantes com a sociedade brasileira.

### 3. A mestiçagem desejada e a evitada

Além da descrição das características dos grupos imigrantes, o discurso de Menezes e Souza articula igualmente a questão da mestiçagem, entendida naquele momento como uma mistura de raças que implicava questões sociais, culturais, religiosas, morais e econômicas.

No que se refere ao imigrante alemão, o texto afirma que ele perderia o caráter “germânico” a partir da segunda geração, pois se misturaria às sociedades anglo-saxônicas. Em outras palavras, o imigrante alemão se fundiria à sociedade receptora de modo relativamente rápido. Contudo, o mesmo não ocorreria em relação a sociedades ibéricas, ou seja, a fusão do alemão com as raças latinas ocorreria de forma mais lenta:

Perdem, porém, o caracter germanico desde a segunda geração, si se misturam às sociedades anglo-saxonicas, ao passo que a fusão é muito mais lenta com os ramos da raça latina, salvo com a franceza, que é dotada de grande poder de assimilação (Menezes e Souza, 1875, p. 405).

Nesse sentido, o processo de mestiçagem precisaria considerar os elementos que estão em jogo no processo de fusão de diferentes populações, segundo o ponto de vista da época. Por possuírem traços semânticos (que geram temas sociais, morais, religiosos etc.) mais próximos da sociedade de recepção, mais rápida seria a fusão dos grupos. Se os traços semânticos forem mais distantes, mais lenta seria a fusão dos grupos, como é o caso das sociedades ibéricas em relação ao imigrante alemão.

O trecho anterior ainda suscita uma outra questão: a de que haveria sociedades com mais ou menos capacidade para integrar o imigrante. Nesse caso, parece-nos que não se trata exatamente de uma fusão ou mesmo uma mescla, mas sim de uma diluição da alteridade, que se transformaria no mesmo, ou seja, na identidade, tal como é discutida por Landowski (2002). De qualquer forma, o trecho nos permite pensar em um processo mais ou menos tônico de sociedades que dissolvem, com o emprego de certa força, as marcas da alteridade em algum nível (cultural, linguístico, religioso, etc.).

No caso dos imigrantes asiáticos, o processo é totalmente diferente. Haveria uma dificuldade para integrar o imigrante asiático à sociedade de recepção. Para comprovar essa ideia, o texto de Menezes e Souza apresenta um trecho do texto de Leroy-Beaulieu:

Sob o aspecto social, acrescenta Leroy-Beaulieu, a emigração de Indianos e Chins tem os

mais deploráveis resultados; pertencendo estes homens, não a sociedades primitivas, cujos membros estão prestes a se fundirem, por instinto natural, nas sociedades mais adiantadas, porém a sociedades envelhecidas e decrépitas, conservam com tenacidade seus hábitos e costumes anti-europeus. Sua língua, seu culto são obstáculos insuperáveis a uma união com os outros elementos das ilhas; é uma justa-posição de população, que nada justifica e nada atenua; (Leroy-Beaulieu, *apud* Menezes e Souza, 1875, p. 413-414).

São, assim, a língua e a religião os elementos que impediriam a mistura da população asiática com a sociedade receptora. Resultaria da presença desses imigrantes somente uma co-existência (justaposição) de grupos sociais distintos em um mesmo espaço. Em outras palavras, os grupos permaneceriam, no máximo, em contiguidade, dividindo um mesmo lugar. Isso tudo porque os asiáticos preservariam seus traços culturais e não aceitariam a cultura da sociedade de recepção, corroborando a questão do querer e do apego aos seus próprios valores que delimitam a sua sociabilidade em terras estrangeiras.

Mesmo com essa visão, Menezes e Souza especula como seria a mistura de imigrantes asiáticos no Brasil. Ao realizar esse exercício de imaginação, o enunciador revela a sua principal preocupação, que fica mais evidente no trecho abaixo, retirado de um trabalho de Nicolao Joaquim Moreira a respeito da imigração chinesa para reafirmar sua posição sobre esses imigrantes:

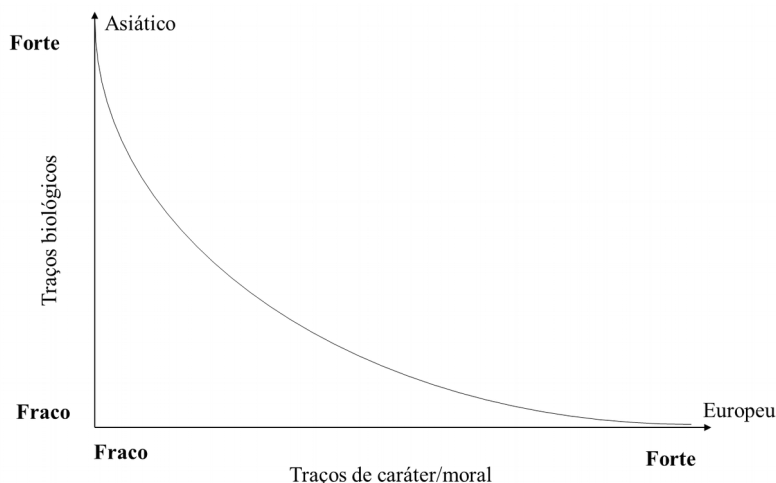
Que a raça chinesa abastarda, e faz degenerar a nossa é verdade anthropologica, que tem por si a autoridade de notáveis especialistas. A raça europeia diz um desses autores citados pelo Sr. Dr. Moreira, harmonica na forma, parece abater-se na combinação com outras raças, pois que os mestiços patenteam sempre a constituição asiatica, arabica ou africana. Tudo é calmo e medido nos caracteres anatomicos da raça mãe; tudo é energico, violento e accentuado nos signaes organicos das raças secundarias. Parece até, escreve tambem o eminente physiologista Berard, que certas raças imprimem mais fortemente do que outras, seus caracteres nos descendentes. Assim, é que, quando os mongóes se misturam, ainda que em pequena proporção, com qualquer povo, este permanece mongolizado por longo tempo (Moreira, *apud* Menezes e Souza, 1875, p. 419).

A inquietação, enquanto uma agitação decorrente do temor (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 267), é gerada pela possibilidade vislumbrada do produto final do processo de mestiçagem. Em especial, sobre a ideia de fusão, pois a mestiçagem de um asiático com um brasileiro levaria a uma deterioração da sociedade brasileira cuja duração excede o desejo do enunciador. Assim, a degeneração biológica se estenderia também em uma degeneração da cultura, da moral e da política brasileiras produzidas pela presença e pela

interação de trabalhadores asiáticos na e com a sociedade brasileira.

Interessante notar, nesse discurso, como o imigrante asiático é, ao mesmo tempo, átono para o trabalho e nas paixões e forte o suficiente em sua configuração biológica para imprimir suas marcas no fenótipo da população com a qual se mistura. No

caso do imigrante europeu, temos o percurso inverso: é fraco em termos biológicos (seja o processo lento ou acelerado) e tônico em termos de disposição passional para o trabalho. Colocamos essa relação no esquema tensivo para representar como funciona essa relação no discurso de Menezes e Souza:



No trecho a seguir, Menezes e Souza revela o que ele considera o seu ideal de mistura para a sociedade brasileira. Como era de se esperar, são os imigrantes europeus que levarão o país a melhorar em seus aspectos sociais, raciais, econômicos e culturais por meio da mistura com a população brasileira:

O organismo brasileiro precisa ser retemperado com sangue novo, genial, escaldando na febre do progresso, e que lhe faça subir ao coração a seiva da força, da energia, da mocidade. Como quereis transfundir-nos nas veias suco envelhecido e envenenado de constituições exaustas, degeneradas e refluindo do coração, que vibra lenta e penosamente as palpitações da decrepitude, e que já sente próximos os symtomas da paralyisia?

E si a fealdade physica não fosse acompanhada do enfraquecimento das faculdades intellectuaes, ainda o mal não seria tão grande; não nos restará, porém, esse triste consolo; porquanto a degeneração moral estará na razão directa da degeneração physica (Menezes e Souza, 1875, p. 420)

Tendo como pressuposto a insuficiência da sociedade brasileira, o que implica na necessidade de se trazer imigrantes para o país, observamos que o imigrante asiático seria o responsável pela lentidão, pela decrepitude e, por fim, pela paralisia da sociedade brasileira. Em outras palavras, o forte da constituição biológica seria o responsável pela introdução da fraqueza na constituição biológica (e por extensão cultural e moral) da sociedade

brasileira. Assim, o mestiço instauraria a fraqueza e a lentidão que levaria a sociedade brasileira à letargia, tal como já ocorreria com as sociedades asiáticas. Já o imigrante europeu seria a novidade e o progresso necessários para colocar a sociedade brasileira nos trilhos do desenvolvimento econômico, social, cultural.

Além disso, o trecho anterior ainda aponta para a relação física e moral que o discurso vem tecendo. Assim, há uma homologação entre os aspectos físicos e os aspectos morais do imigrante, cuja operação nos remete à relação entre ética e estética, questões a serem melhor exploradas em um futuro trabalho. O que desejamos reter aqui é a atenuação que o enunciador promove em relação à compleição física de uma população mestiça com a matriz predominante do asiático rapidamente descartada, porque para ele é impossível dissociar tal relação. Mesmo assim, o enunciador revela que sua preocupação principal está na degeneração moral que essa mistura poderia produzir no país, o que não deixa de ser um preconceito de sua parte.

Utilizamos a sintaxe analítica da mestiçagem, de Zilberberg, para entendermos o processo presente no discurso ora analisado. Partimos, assim, da sintaxe abaixo para analisamos essa questão: aproximação → adjunção → amálgama → liga → assimilação (Zilberberg, 2004, p. 85).

O que podemos observar, em relação aos imigrantes, é que a sintaxe inicia com a aproximação dessa grandeza, ainda separada, em

relação à constituição de sentidos da sociedade brasileira. Em seguida, ocorre a adjunção, em que essa grandeza permanece como uma contiguidade na qual o contato entre grandezas se inicia. Em seguida, há um amálgama, ou seja, uma mistura ainda não totalmente bem resolvida. Depois, surge a liga, enquanto uma mistura que gera um novo produto pela transformação e integração dessa grandeza externa. Por fim, há uma assimilação, que identificamos como a fusão completa entre a sociedade brasileira e os sentidos advindos dos imigrantes, gerando uma nova grandeza (Zilberberg, 2004, p. 85).

No caso dos imigrantes alemães, a mestiçagem ocorreria da seguinte maneira: a passagem da adjunção para o amálgama e, em seguida, para a liga ocorre de forma lenta ou rápida, mas gera uma grandeza nova e melhor, pela ótica do enunciador. No caso dos imigrantes asiáticos, parece-nos que ela se interrompe no amálgama, seja pela força biológica do asiático seja pelo que ela produz de estranhamento para o enunciador.

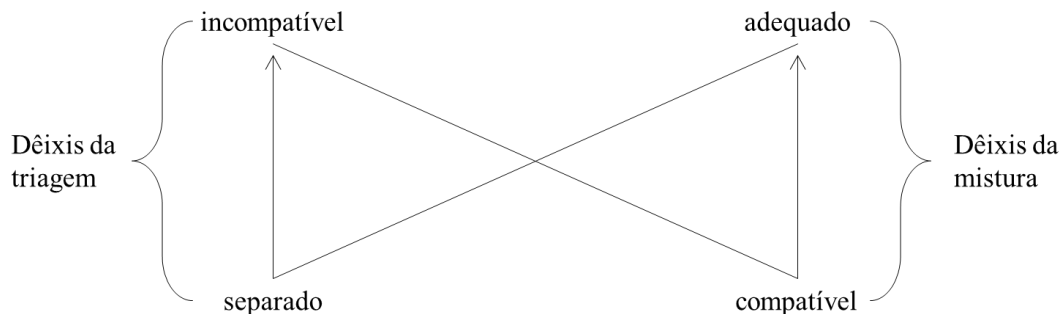
Que mulheres serão no Brasil as cooperadoras do cruzamento dessa raça? Só algumas escravas, e essas das de pior qualidade. Imagine-se o aspecto physionomico, a configuração e as condições dos órgãos, que offerecerá à vista e ao estudo o producto hybrid de tão detestavel união! Si o cruzamento for com sangue caucásico, ficarão

impressos no filho os caracteres mongólicos (Menezes e Souza, 1875, p. 420).

O trecho anterior mostra como o enunciador encara a mestiçagem dos imigrantes asiáticos: ela incluiria o produto dessa mistura à área do bizarro, que leva ao espanto e ao impacto revelados pela exclamação contida no enunciado (Zilberberg, 2004, p. 87). Assim, o enunciador chama a atenção para o absurdo que seria ter em solo brasileiro mestiços gerados da união entre um asiático e um brasileiro, pois esse seria o caminho para a decadência e o atraso da sociedade.

Isso pode ser explicado a partir da ideia de que o imigrante não apenas se estabelece no país, mas posteriormente interage e se mistura à população local, levando a melhoramentos e a pioras em sua constituição racial, social, cultural e econômica. Por isso, a melhoração da mistura leva, como mostra Zilberberg, a um enriquecimento (ao menos do ponto de vista do enunciador do discurso analisado) enquanto a mistura de uma grandeza má levaria a uma profanação da constituição social brasileira, o que mantém a isotopia do espanto no discurso de Menezes e Souza (Zilberberg, 2004, p. 89).

Pelo que foi considerado nesta seção, podemos ainda compreender a questão da mistura a partir das propostas contidas no seguinte esquema (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 37):



O discurso de Menezes e Souza trabalha com a questão da compatibilidade e da adequação de cada um dos imigrantes em relação ao seu papel na sociedade brasileira. Assim, apesar de especular sobre a mistura com povos asiáticos, o discurso de Menezes e Souza remete esse grupo à dêixis da triagem e, em especial, ao polo do incompatível, pois não haveria solução para a mistura entre povos supostamente tão distintos em seus diversos aspectos, como a questão do bizarro parece já nos ter mostrado.

Já os imigrantes europeus preenchem os dois termos da dêixis da mistura: o compatível e o adequado. Contudo, na relação entre grandezas, retomamos a questão da lentidão do processo de

fusão do imigrante alemão em sociedades ibéricas. Assim, a adequação não é tão conforme como se poderia desejar para um enunciador como Menezes e Souza. Por ser, então, menos compatível e adequado, o processo de fusão é mais lento. Como na sociedade norte-americana haveria mais compatibilidade e adequação entre as grandezas em jogo (como a religião, a constituição física/racial, etc.), o processo de mestiçagem que chegaria ao ápice da fusão ocorre de modo mais rápido.

O imigrante asiático é construído como um indivíduo de difícil assimilação por ser considerado incompatível, porque ele tem um forte apego à sua cultura, aos seus hábitos e ao seu próprio grupo. Mas também há um desejo do enunciador em não

contar com a mestiçagem desse grupo pelas razões anteriormente descritas. A simpatia do enunciador em relação ao imigrante europeu, sua resistência ao imigrante asiático e uma ojeriza ao mestiço de matriz asiática vão também interferir em seus procedimentos de moralização e em sua confiança, conforme trataremos a seguir.

#### 4. Moralização, fidúcia e campo de presença

Além das sanções presentes em trechos anteriormente citados, veremos nesta seção como a relação entre moralização e fidúcia do enunciador surge a partir do ingresso dos imigrantes em seu campo de presença.

Vínhamos examinando o discurso de Menezes e Souza por meio do uso dos operadores triagem e mistura. Outro aspecto do discurso que pode ser explorado está ligado ao campo de presença. Assim, após delimitar, selecionar e restringir o tema da imigração a alguns grupos e a suas características, por meio da triagem, o enunciador passa a apreender e a focalizar os objetos que se formam em seu horizonte tensivo.

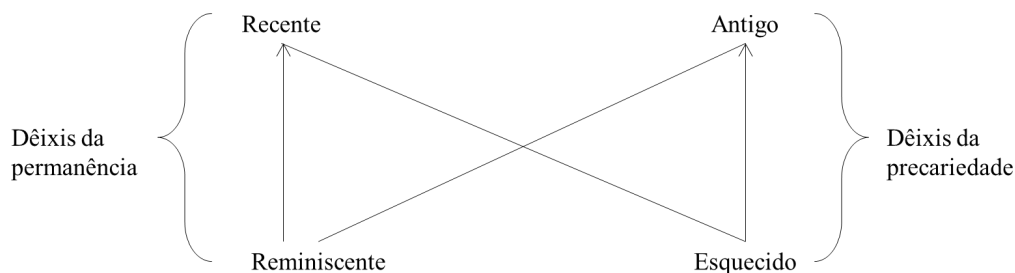
Como afirmam Fontanille e Zilberberg, há uma relação entre o foco e a apreensão e os operadores triagem e mistura. Entendendo a noção inicial de imigração como uma grandeza, observamos como o enunciador rapidamente passa da apreensão para o foco dessa grandeza com a especificação de seus constituintes (a delimitação das nacionalidades a serem consideradas em seu discurso). Em seguida, com o desenvolvimento das características de cada grupo imigrante, o enunciador volta a apreender cada uma delas enquanto sentidos fechados e aspectualmente terminativos (do ponto de vista do processo global de discursivização). No entanto, o discurso volta a promover uma abertura dos sentidos quando o enunciador trata da questão da mestiçagem, em que ele realiza um trabalho de especulação sobre as possibilidades da presença dessa alteridade no Brasil e sobre suas consequências para o país por meio da focalização desse processo (Fontanille; Zilberberg, 2001, pp. 129-130).

Tomando, assim, os imigrantes europeus e os imigrantes asiáticos como dois grandes blocos de sentidos entrelaçados que resultam na discretização no nível fundamental a partir dos operadores foco e apreensão, percebemos como o texto homologa a oposição entre europeus e asiáticos a partir das noções de novo e antigo (do ponto de vista do objeto), de atual e ultrapassado (do ponto de vista do momento de referência temporal da enunciação) (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 128). Essas relações podem ser melhor depreendidas no seguinte trecho:

Queremos progresso e o Chim representa o regresso; queremos luz e o Chim simboliza a treva; queremos moral e o Chim é a encarnação da torpeza e da devassidão; queremos liberdade e o Chim é imagem do despotismo theocratico – a mais intolerável das autocracias; queremos vida e o Chim nos aponta para a inação e para a imobilidade – sensibilização aterradora da morte; queremos robustez do corpo e virilidade de forças e o Chim na taça de opio e no insípido *pilau* nos mostra os mais debilitantes enervadores do vigor físico e da energia moral; queremos cultura adiantada e inteligente e o Chim considera a enchada e a charrúa primitiva como os instrumentos mais aperfeiçoados, e os processos agrícolas do tempo de Confúcio como a última palavra da ciência agrônoma; queremos caminhar pela estrada do futuro com a celeridade do wagon e o Chim entende que o palanquin é o ideal da rapidez e a esse *systema* pretende ficar ligado até a consumação dos séculos (Menezes e Souza, 1875, p. 422).

O asiático sintetiza o atraso e o regresso. Sua presentificação no espaço físico e social brasileiro representa a instauração de um tempo passado que não se coaduna com os anseios do enunciador. Para este, apenas a presença de imigrantes europeus no Brasil poderia realizar seu desejo de progresso para o país. O que está, de certa maneira, em discussão no discurso de Menezes e Souza é a tentativa de se fazer o país entrar no rol dos países considerados mais civilizados e avançados do planeta.

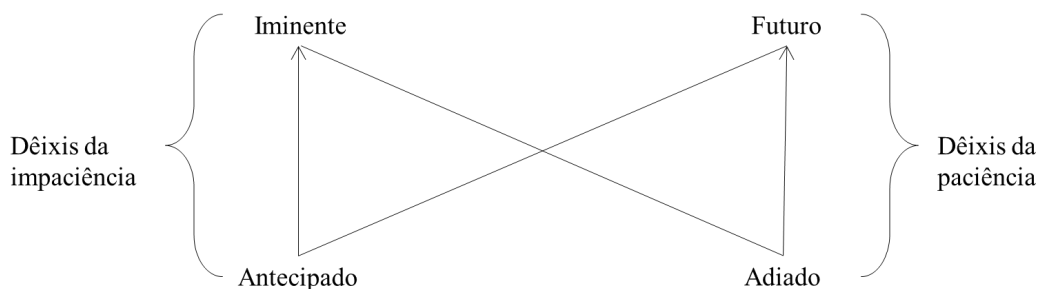
Esquemáticamente, os dois quadrados abaixo nos permitem refletir sobre essa relação temporal entre os dois blocos imigrantes:



O imigrante asiático está do lado da dêixis da precariedade, pois representa o que é antigo e, principalmente, o que é decrépito e envelhecido, como vemos no trecho já citado: “pertencendo estes homens (...) a sociedades envelhecidas e decrépitas”

(Leroy-Beaulieu, *apud* Menezes e Souza, 1875, p. 413).

O outro quadrado se refere aos imigrantes europeus e, em especial, ao imigrante alemão como síntese do progresso desejado pelo enunciador enquanto uma projeção para o futuro:



Assim, o enunciador antecipa-se à possível “tragédia” que a entrada de imigrantes asiáticos poderia produzir para projetar um futuro supostamente melhor para a sociedade brasileira. Se no seu momento atual ele revela uma certa impaciência, a ponto de se espantar com a possibilidade de se contar com sujeitos mestiços no Brasil, o seu futuro requer, justamente, a paciência para contar com os supostos benefícios advindos de uma mestiçagem lenta, no caso do imigrante alemão, pois eles são justamente sujeitos do saber-esperar.

Nesse quesito, o que se observa no discurso de Menezes e Souza é o desejo de o enunciador contar com a presença desse grupo imigrante no país e, como vimos, o desejo da exclusão de outros grupos imigrantes. Esses aspectos ficam mais clarificados com a moralização desses diferentes grupos.

Entendida como o julgamento de uma “maneira de fazer ou uma maneira de ser” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 149), a moralização recai sobre os excessos e as insuficiências passionais dos sujeitos. No caso do discurso examinado, a moralização se projeta sobre a disposição passional dos imigrantes europeus e asiáticos. No caso dos europeus, a tonicidade é valorizada pelo enunciador, pois eles que levam o trabalhador alemão à dedicação e à disciplina laboral. Além disso, o europeu é também moralizado pela sua harmonia física e pelo seu vigor moral: “Tudo é calmo e medido nos caracteres anatomicos da raça mãe” (Moreira, *apud* Menezes e Souza, 1875, p. 419).

Já os imigrantes asiáticos são julgados pela sua insuficiência voltada para o trabalho, pela sua compleição física fraca e pelo seu desinteresse em se dedicar ao trabalho. São também destacados nos

asiáticos os seus vícios, compreendidos no discurso como um excesso:

Ainda que um grande grupo d’entre elles seja de notavel doçura, muitos outros, estranhos á qualquer lei religiosa e social, são familiares com toda a especie de crimes-roubos, sedições, incendios, assassinatos; - praticam monstruosas devassidões, que escapam á acção da justiça, e que, nem por isso, são menos aviltantes para a população (Duval, *apud* Menezes e Souza, 1875, p. 412).

O excesso de seu vício (“monstruosas devassidões”) é pontuado de forma tão intensa pelo discurso que ele seria o responsável pela escapatória dos os asiáticos em relação às leis.

Como a paixão é sempre intersubjetiva (Greimas; Fontanille, 1993, p. 15), podemos dizer que o imigrante europeu desperta no enunciador simpatia, apreço e confiança. Já o imigrante asiático mobiliza as paixões da antipatia e da desconfiança, enquanto o mestiço causa ojeriza no enunciador. Em suma, a relação entre o imigrante europeu e o enunciador é a da atração, enquanto com o asiático e o mestiço é a da repulsa.

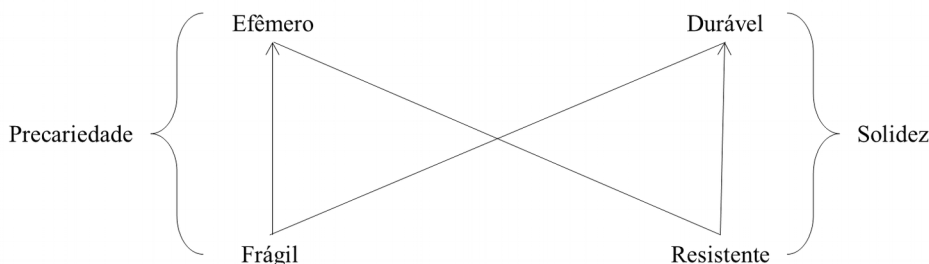
É por meio dessas paixões que a fidiúcia e a moralização parecem possuir uma relação direta no discurso de Menezes e Souza. O enunciador mostra uma confiança em relação aos imigrantes alemães, decorrente da maneira de ser e de fazer, uma vez que eles são aplicados ao trabalho e possuem uma solidez moral. Por isso, sua mistura com a população brasileira seria boa para o país, sobretudo quando criasse uma nova grandeza com a fusão entre os povos. Por outro lado, os imigrantes indiano e chinês são mostrados como pouco confiáveis justamente porque eles são apontados como sujeitos efêmeros, que não



cumprem seu contrato, fazem pouco para realizar seu trabalho, além de serem corporalmente fracos e moralmente excessivos.

Por isso, podemos dizer que a confiança do enunciador em relação ao imigrante alemão se assenta sobretudo na noção de solidez (de caráter, sobretudo) porque ela é durável (e durativa),

enquanto uma capacidade necessária para o desenvolvimento do país com o que há de supostamente melhor em termos humanos. Já a desconfiança no imigrante asiático se deve à sua precariedade, pois este já teria dado provas de que é frágil e efêmero, constituído por forças dispersivas (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 275):

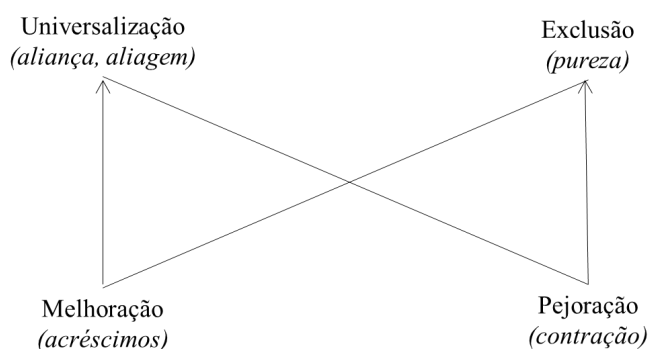


A partir, então, dessa relação passional, Menezes e Souza estabelece sua hierarquização dos grupos imigrantes. Como afirmam Fontanille e Zilberberg, a pejoração visa a “excluir participantes” e a melhoria pretende “fazer com que excluídos participem” (2001, p. 27). Assim, a pejoração incide sobre os imigrantes asiáticos e a melhoria sobre os imigrantes europeus, como esperamos ter ficado claro em nossa análise. Uma das razões para essas operações está ligada à construção discursiva dos imigrantes. De um lado, os imigrantes asiáticos, com poucas qualidades eufóricas, devem então ser excluídos do processo migratório em discussão. De outro lado, os imigrantes europeus, por suas qualidades de caráter e por serem trabalhadores

competentes, são aqueles que devem entrar nas considerações de uma política migratória que deveria encontrar meios de incentivar sua entrada e estabelecimento.

Além da pejoração, a proposta de Menezes e Souza é a de excluir os imigrantes asiáticos do processo migratório daquele momento. A principal razão para isso é por visar o estabelecimento de uma sociedade livre de elementos desconectados de uma pureza baseada em imigrantes brancos, europeus e com matriz religiosa cristã.

Nesse sentido, o esquema abaixo parece dar conta da explicação desse processo que tem como ponto central os valores e os desejos do enunciador (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 52):



Dessa forma, a pejoração prevê a delimitação da presença de imigrantes asiáticos em solo brasileiro, segundo a proposta do autor, cujo limite é a pureza produzida pela exclusão. Do lado dos imigrantes europeus, a melhoria produziria o acréscimo dos elementos “bons” desses imigrantes na sociedade brasileira e, em seu limite, a participação ampliada

dos europeus poderia levar a sociedade brasileira a se tornar equivalente de uma sociedade europeia qualquer, em um princípio de universalização cujo foco são os valores de universalidade (de matriz ocidental) (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 52).

## 5. Considerações finais

Tudo o que foi dito a respeito do texto de Menezes e Souza poderia ser resumido por meio da lógica da implicação. Mais especificamente, de duas implicações que orientam o seu discurso: “Se o imigrante é europeu, ele é bom para o Brasil / Se o imigrante é asiático, ele é ruim para o Brasil”.

Dessa maneira, o discurso de Menezes e Souza começa com a triagem para separar “o joio do trigo” em termos de qualidade migratória para, em seguida, tratar da mestiçagem em ambos os grupos, pendendo suas preferências para o grupo europeu em detrimento dos imigrantes asiáticos. Nesse sentido, o discurso de Menezes e Souza, ao incluir os imigrantes asiáticos em suas considerações, mesmo para negá-los, possui uma riqueza de sentidos que nos permite depreender como funcionava o racismo no século XIX.

Baseadas em teorias científicas para a época, a distinção e a hierarquização de diferentes “raças” eram fundamentadas em estudos de antropometria que associavam, por exemplo, o tamanho e o formato da cabeça à inteligência e à moralidade de determinadas “raças” em detrimento de outras. Nessa hierarquia de povos, os caucasianos ocupavam o topo da escala, seguidos de asiáticos e africanos. Esse tipo de pensamento eugenista perdurou por muitas décadas, sendo encontrados alguns de seus elementos ainda na década de 1930 no Brasil.

Além disso, esse pensamento, mesmo que não totalmente assumido, orientava as decisões das elites políticas sobre diversos assuntos, como a constituição racial da sociedade brasileira e as políticas migratórias, como nos mostra elegantemente Octávio Ianni:

“(…) as ‘elites’ brasileiras decidiram priorizar a imigração de ‘europeus’, ‘brancos’, ‘ocidentais’, membros da civilização ‘ocidental-cristã’, relegando as populações nativas ou indígenas, os africanos e os seus descendentes e, inclusive, os orientais. Foi uma política migratória de cunho ‘arianista’, inspirada no ‘darwinismo social’ do evolucionismo do pensamento europeu em apogeu na época” (Ianni, 2004, p. 156)

O discurso de Menezes e Souza se insere justamente nesse universo discursivo. Mesmo com uma postura cientificista, não podemos eximir o autor da atribuição de um preconceito de sua parte.

## Referências bibliográficas

De Luca, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

Fiorin, José Luiz. *A construção da identidade nacional brasileira*. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1,

Assim, ao acompanhar as opiniões advindas da Europa, ele nada mais fez do que reproduzi-las para confirmar aquilo que já sabia de antemão: que os imigrantes asiáticos não eram bons para país nenhum, sobretudo para o Brasil. Produto do pensamento de seu tempo, Menezes e Souza confirma (ou antecipa) uma espécie de antropologia social que orientaria a política migratória brasileira, a ponto de, por exemplo, a imigração japonesa ser a mais tardia de todos os grandes grupos que vieram para o país. Essa imagem dos trabalhadores imigrantes asiáticos só foi revertida ao longo do século XX, sobretudo após a sua segunda metade do século.

De nossa parte, cabe a nós o trabalho de examinar e compreender a organização dos sentidos que orientaram determinadas ideias no campo social. As propostas da semiótica tensiva nos permitiram, assim, observar esse objeto de um lugar epistemológico que aponta para outras questões talvez ainda não tratadas em campos teóricos em que a mestiçagem social encontra um maior espaço de discussão, como a Sociologia, a Antropologia e a História. Assim, as modulações dos sentidos, interrupções de processos e a questão da paixão no discurso que se considera “científico” podem ser um modo de inserir a Semiótica nas discussões das já mencionadas grandes áreas do conhecimento humano, com suas especificidades e seu ponto de vista particular.

De qualquer forma, esperamos ter mostrado como a mistura e a triagem operam em um discurso cujo foco é a discussão de um tema social e político importante para a história do país. Além disso, esperamos ter mostrado como é possível desvelar as operações de triagem que, com a ascensão do conceito positivo de mestiçagem, passaram a ser ocultadas na história recente do país, conforme aponta Fiorin:

A cultura brasileira euforizou de tal modo a mistura que passou a considerar inexistentes as camadas reais da semiose onde opera o princípio da exclusão: por exemplo, nas relações raciais, de gênero, de orientação sexual etc. A identidade autodescrita do brasileiro é sempre a que é criada pelo princípio da participação, da mistura. Daí se descreve o brasileiro como alguém aberto, acolhedor, cordial, agradável, sempre pronto a dar um “jeitinho”. Ocultam-se o preconceito, a violência que perpassa as relações cotidianas etc. Enfim, esconde-se o que opera sob o princípio da triagem (Fiorin, 2009, p. 124).●

n. 1, p. 115-126, 2009.

Fontanille, Jacques. *Semiótica do Discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude. *Tensão e Significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes; Luiz Tatit; Waldir Beividas. São Paulo: Discurso

- Editorial/Humanitas, 2001.
- Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques. *Semiótica das Paixões*. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- Ianni, Octávio. *Pensamento social no Brasil*. Bauru: EDUSC, 2004.
- Landowski, Eric. *Presenças do Outro*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- Menezes e Souza, João Cardoso de. *Theses sobre a Colonização do Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875.
- Schwarcz, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- Zilberberg, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. Trad. Ivã Carlos Lopes. In: Cañizal, Eduardo Peñuela; Caetano, Kati Eliana (orgs.). *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2004, pp. 69-101.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Bueno, Alexandre Marcelo.

Metissage et immigration: tri et melange dans un discours du XIXe siècle.

*Estudos Semióticos*, vol. 12, n. 2 (2016)

issn 1980-4016

---

**Abstract:** *Cet article vise à discuter le processus de métissage par rapport aux discussions sur l'immigration du XIXe siècle au Brésil. Pour cela, on utilise des éléments conceptuels de la sémiotique tensive, en particulier les concepts tri, mélange et champ de présence pour examiner comment les passions sont construite sur différents groupes d'immigrants et comme la moralisation est projetée sur lui. Dans le cadre de l'analyse, on a proposé à deux processus de métissage différents impliquant des questions telles que aspectualité de le processus qui détermine rapidement ou lentement le mélange et la tonicité concernant les aspects biologiques qui guide l'interruption du processus. En outre, on considère également les éléments caractéristiques de chaque groupe d'immigrants impliqués dans le mélange proposé par le discours comme un moyen de percevoir les variations aspectualités Pour la notion de champ de présence, on a été proposé sa relation avec la moralisation comme un moyen de comprendre les sympathies et les antipathies de l'énonciateur pour les différents groupes d'immigrants présents dans son discours. Enfin, on vise à discuter de certaines questions environ le phénomène de métissage qui ne sont pas observées dans autres domaines de la connaissance portant sur le même sujet.*

**Keywords:** *immigration; mélange; tri; champ de presence; moralisation*

---

### Como citar este artigo

Bueno, Alexandre Marcelo. Mestiçagem e imigração: triagem e mistura em um discurso do século XIX. *Estudos Semióticos*. [on-line]. Disponível em: ( <http://www.revistas.usp.br/esse> ). Editores responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José América Bezerra Saraiva. Volume 12, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2016, p. 47-57. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 20/02/2016

Data de aprovação: 25/06/2016

---